

ABELHAS NO CURRAL DAS ÉGUAS



Na bacia do córrego Curral das Éguas, de onde vem a água que abastece a cidade de Mandirituba, num lugar cercado de mata, Wilson Dal Prá fala com entusiasmo sobre abelhas e mel. “Desde pequeno sempre gostei de abelhas, meu pai criava e eu comecei a criar aqui. Quando você gosta, as abelhas também te procuram. As abelhas entram em sintonia com você, vem junto. Fiz uma caixa e chamei as abelhas e elas vieram”. Wilson tem caixas de apis e colhe mel de ótima qualidade porque mantém uma grande área de floresta, onde as abelhas vão colher o pólen. Aprendeu muito na prática, mas também nos livros. “O primeiro livro que me caiu na mão era de um frei franciscano, sobre um congresso nacional de apicultura, acho que foi por volta de 1958. Na verdade, faz pouco tempo que o Brasil pensa sobre abelhas e esquecemos que o maior benefício que a abelha traz não é o mel nem a própolis e sim a polinização. As abelhas aumentam a produção de frutos de modo impressionante. E ajudam na polinização de toda a floresta. As abelhas, mesmo as apis, gostam das plantas nativas e espalham as árvores. A polinização aumenta a produção e protege a floresta. Se não houvesse polinização milhares de espécies de árvores já teriam desaparecido. O desmatamento, além de agredir a natureza prejudica as abelhas, que menos chance de sobreviver, porque tem menos pólen, menos mel e, no final, menos floresta”.

Wilson veio do norte do Paraná e lembra que, quando era pequeno “as pessoas diziam que o mel das nativas era muito bom, o mel de jataí era bom para tosse. Lá no norte, a vegetação foi destruída quase que completamente,



não deve ter sobrado muita abelha por lá”. A comercialização de mel de apis é bem simples, afirma Wilson: “ Não há dificuldade para vender. Vendo tudo que produzo. pequena, não haverá alimentos. Portanto, destruir a floresta reduz a possibilidade de sobrevivência das abelhas e reduz a produção de alimentos”.

Wilson faz questão de lembrar ainda que o mel é um alimento muito rico. Ele fez uma pesquisa e organizou uma tabela sobre o valor alimentício do mel:

1 quilo de mel equivale a:

- 9 quilos de cenoura
- 5,4 quilos de maçã
- 4 quilos de ameixa
- 2,6 quilos de uva
- 3,6 quilos de ervilha
- 50 ovos
- 40 laranjas
- 25 bananas
- 675 gramas de queijo

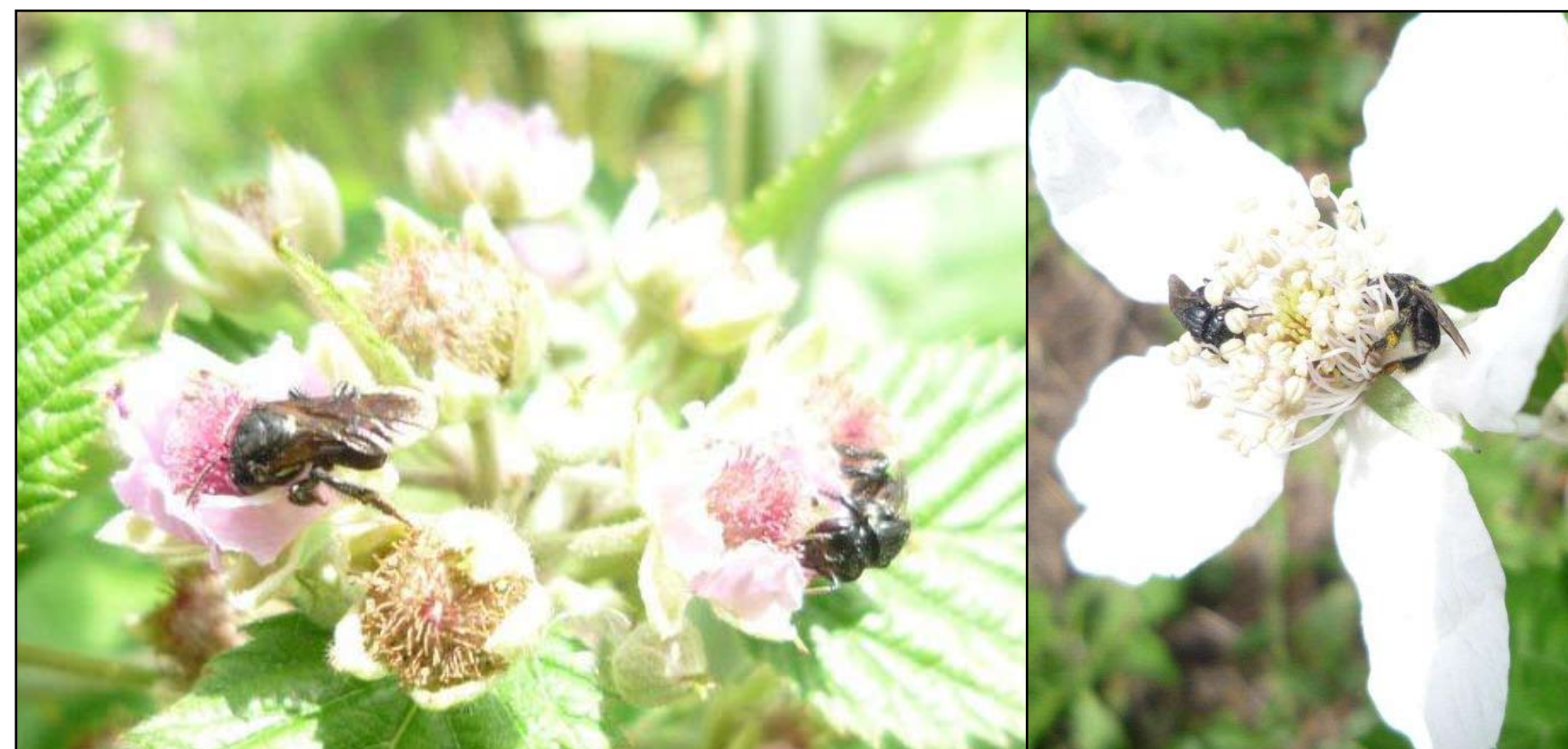
Wilson também lembra que uma abelha chega a visitar, por dia, cerca de 4.000 flores. Isso significa que não existe melhor forma de polinizar e produzir do que criando abelhas.

“O mel pode ser uma renda complementar do agricultor e convive bem com a conservação das florestas. É uma forma de produzir conservando.. É um grande erro não estimular a criação de abelhas porque a produção agrícola cai. Sem polinização não há produção de frutas. Para isso, tem que parar o desmatamento e incentivar o plantio de árvores que favoreçam a produção de mel. Existem centenas de árvores melíferas, Na mata, é possível encontrar mudas que já nasceram graças à polinização.”

olho d'água

Programa de Proteção às Nascentes do Córrego Curral das Éguas. Mandirituba-PR, novembro/2011.

guaraipo mandaçaia jataí
iraí boca-de-sapo tubuna mirim
manduri



QUEM CONHECE ESSAS MORADORAS DE MANDIRITUBA?

São as abelhas silvestres, sem ferrão, que vivem nas matas de Mandirituba. Trabalhadoras incansáveis, elas ajudam a polinizar as plantações e as florestas e produzem um saboroso mel que pouca gente conhece. Para tornar as abelhas – e o seu mel – mais conhecidas, um grupo de agricultores organizou uma associação de produtores de mel, a AMAMEL, que está se preparando para produzir e comercializar mel de nove espécies de abelhas nativas.

Calcula-se que existam, no planeta, cerca de 20 mil espécies de abelha e que 25% delas

sejam nativas do Brasil, pois aqui existe uma grande variedade de ambientes naturais, onde as diferentes espécies tem seu habitat. Desse total, grande parte é formada pelas “abelhas solitárias”, que não vivem em grupo. Entre as que formam colmeias, cerca de 400 espécies não possuem ferrão e estão reunidas num grupo chamado Meliponíneos. Metade das espécies de abelhas sem ferrão que existem no planeta são nativas do Brasil.

No Paraná, já foram registradas 40 espécies de abelhas sem ferrão mas, com a destruição das florestas, calcula-se que o número de es-

pécies existentes hoje seja de 25. Por isso, a ocorrência de pelo menos 11 espécies de abelhas nativas em Mandirituba é muito importante. Indica que as matas ainda estão em boas condições. E até justifica a origem tupi-guarani do nome da cidade: Manduri (abelha) + tuba (muita).



UMA PARCERIA MUITO BEM SUCEDIDA

Há nove anos, Benedito e Salete Uczai vivem numa chácara em Mandirituba. Gaúcho de Passo Fundo, professor de francês, trabalhou alguns anos em Curitiba e depois resolveu mudar totalmente o rumo de sua vida. Num lugar tranquilo, cercado por bosques e plantações de frutas, produzem sucos e geleias artesanais e cuidam com muito carinho das abelhas silvestres. “Elas são tudo de bom: um hobby, uma terapia, ajudam a preservação do meio ambiente e ainda representam uma forma de renda.”

É claro que são criaturas exigentes, é preciso ter caixas racionais adequadas, manejar com cuidado, ficar atento às condições do clima e à época do ano, mas Benedito e Salete têm um modo muito particular de encarar todo esse trabalho: “criar abelha é um sacerdócio, é uma dedicação. É uma criatura que está aí. No momento que inicio a atividade tenho a obrigação de cuidar da melhor forma possível, pelo manejo adequado, na época certa, na estação certa, conhecer a luz, a florada. Conhecer os limites de cada espécie”. Como

resultado dessa dedicação, eles conseguem excelentes resultados tanto na multiplicação de espécies raras e ameaçadas, como a mandaçaia, quanto na produção de mel”.

Benedito explica que o cultivo de abelhas nativas, sem ferrão, não é muito praticado hoje. Os indígenas conheciam muito bem as qualidades do mel produzido por elas mas, com a colonização portuguesa, vieram as apis, abelhas europeias e, mais tarde, as africanas. Hoje está tudo misturado, a abelha africanizada, que é um híbrido da europeia com a africana, é bem mais conhecida. Com enxames maiores, produzem muito mais mel.

A introdução de abelhas de fora, segundo Benedito, está ligada à cor da cera para a produção de velas. A cera mais clara, usada nos cultos religiosos, ainda é muito mais apreciada do que a de cor escura produzida pelas abelhas nativas.

E não é só isso. Com a devastação das florestas, as espécies nativas foram dizimadas, conta Benedito: “Aqui havia muitas

espécies de abelhas nativas, mas o costume era derrubar as árvores para tirar o mel, que era misturado com cachaça para fazer o “pica-pau” uma bebida muito apreciada. Também usavam a cera das nativas para fazer enxertia, principalmente da mirim, que tem própolis. Quando derrubavam o cepo, as colmeias ficavam expostas e eram comidas pelos pássaros e pelos tamanduás, e acabaram.”

A necessidade e a importância de proteger as florestas é muito recente e muitas das abelhas nativas acabaram na lista de espécies ameaçadas. Segundo Benedito, em Mandirituba ainda são encontradas 11 espécies, “algumas estamos recuperando sempre respeitando a natureza, observar muito o clima, a época do ano, a florada, a luminosidade para que as abelhas tenham condição de multiplicar.” Entre as abelhas encontradas aqui estão guaraipe, mandaçaia, tubuna, manduri, irai, boca-de-sapo, jataí, e várias espécies de mirim, como a droxiana, a saiti e a mirim-guaçu ou mirim preguiça. Cada espécie tem características próprias

como cor e tamanho, jeito de fazer a colmeia e, principalmente, o sabor do mel”.

Benedito e Salete tratam com grande respeito as abelhas silvestres porque “elas fazem parte do ecossistema que ajudaram a formar, estão aqui há milhares de anos e se adaptam às condições do clima que, em Mandirituba, é rústico, com noites frias, cerração e muitos dias sem sol. A polinização das florestas se deve em 48% às abelhas. Se as abelhas sumirem, boa parte das matas vão sumir também”.

Além dos cuidados com a mata, o casal também cultiva frutas. A amora, usada para fazer sucos e geleias, também recebe muita ajuda das abelhas. “Faço uma parceria com as abelhas: elas polinizam as flores da amora e consequentemente a amora vai produzir um fruto mais completo, perfeito e mais vigoroso e levam o néctar e o pólen. É uma ótima parceria. Eu forneço as flores e ela me fornecem o que eu preciso para frutificá-las. Elas são como se fossem nossos filhos....somos responsáveis por elas quando as transferimos para a caixa. Eu sou o tutor, como também deveria ser também da mata, da água, dos animais.”

Infelizmente, diz Benedito, “os fins comerciais gritam mais alto, tudo é no curto prazo, ninguém pensa para o futuro e aí vem a destruição.” Embora o mel silvestre tenha valor medicinal e sabor muito agradável, a produção é muito menor porque, enquanto a abelha africana chega a ter 80 mil indivíduos por colmeia, a jataí chega a ter entre 2.500 a 5.000, a manduri, 300, a mandaçaia e a mirim, 500 abelhas. Então, 500 abelhas podem produzir um quilo de mel/ano e 80 mil produzem 10 quilos/20 quilos.” Além disso, as abelhas se instalam no oco de troncos de grandes árvores, que estão acabando no Paraná. O pinheiro, por exemplo, produz uma resina que é importante para a produção de própolis e hoje quase não existe mais.

Para encarar o desafio de produzir mel silvestre, um grupo de 15 agricultores de Mandirituba fundou a Amamel, com o objetivo de construir uma Casa do Mel, onde o produto é processado e fica pronto para o consumo, de acordo com as normas do Serviço de Inspeção do Paraná para Produtos de Origem Animal (SIP/POA). Tudo isso exige

recursos e, segundo Benedito, falta suporte do governo para nossa atividade, até os órgãos que cuidam do meio ambiente desconhecem a importância da atividade.”

Para o secretário de Agricultura de Mandirituba, Marcos Antonio Dalla Costa, “falta visibilidade para a produção de mel de abelhas nativas, porque o país não conhece seu patrimônio natural. O Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), por exemplo, não inclui o financiamento de meliponicultura. Além disso, é uma atividade que precisa de muita pesquisa e de divulgação. É uma pena porque seria muito importante para a conservação das matas e, em consequência, da água também”. Dalla Costa acredita que, com a instalação da Casa do Mel – que já tem projeto pronto e terreno cedido pela Prefeitura – a comercialização do produto ficará mais fácil e isso vai estimular a atividade. Só falta, mesmo, recursos para a construção.